

MAUÁOS — AMAZONAS — BRASIL

*avencas*

*Releto  
4. 7. 36.*

# DISCURSOS E OPINIÕES

SOBRE A

## Colonização Japoneza

NO

## ESTADO DO AMAZONAS



2424-36-Typ. Pap. VELHO LINO

♦ ♦ ♦ de LINO AGUIAR. ♦ ♦ ♦

Av. 7 de Setembro, 895 e R. Barroso, 16

♦ ♦ Mauáos ♦ Amazonas ♦ Brasil ♦ ♦

*3*

MANAOS — AMAZONAS — BRASIL

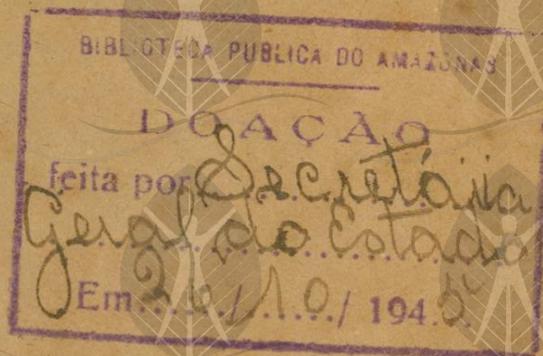
# DISCURSOS E OPINIÕES

SOBRE A

## Colonização Japoneza

NO

## ESTADO DO AMAZONAS



2424-36-Typ. Pap. VELHO LINO

♦ ♦ ♦ de LINO AGUIAR. ♦ ♦ ♦

Av. 7 de Setembro, 895 e R. Barroso, 16

♦ ♦ Manãos ♦ Amazonas ♦ Brasil ♦ ♦

## AO LEITOR

---

Organizei este folheto para mostrar aos bons brasileiros, em rapidos traços, a repulsa que está tendo a insidiosa campanha promovida, na Capital Federal, pelos inimigos do Amazonas, que agem encobertos pela capa de um falso patriotismo, e cujo fim unico, em suas manobras interesseiras, é retardar mais uma vez o engrandecimento deste Estado nortista, que repelle agora com altivez, a intromissão indebita, em seus negocios, desses «patrioteiros» inidoneos.

Tenho a certeza de que, defendendo, como sempre defendi, os altos objectivos que visam o soerguimento da terra amazonense, presto o meu leal e desinteressado concurso á prosperidade deste grande Estado da Federação Brasileira, que só tem tido até hoje, nesse particular, quem afugente a collaboração proficua dos que aqui apparecem para se integrar, com os seus esforços, na obra grandiosa da evolução nacional.

Manãos, 5 — 6 — 1935.

*Dr. Vivaldo Palma Lima.*



ASSEMBLÉA LEGISLATIVA DO ESTADO DO AMAZONAS.

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA SESSÃO DE 20 DE MAIO DE 1936

I

*O Snr. Vivaldo Lima* — Snr. Presidente, o Amazonas tem sido muitas vezes victima da patriotada dos cabotinos...

*O Snr. Paula Gonçalves* — Muito bem!

*O Snr. Vivaldo Lima* — (continuando)... e sempre que apparece algum interesse que possa melhorar a sua situação economica, ou alguma proposta em condições de trazer vantagens para este pedaço da Federação, tão esquecido dos poderes centraes, surgem os patrioteiros com os seus latidos de cães esfaimados a antepõem-se a tudo quanto tenha probabilidade de resultar em beneficio deste Estado, que, infelizmente, vae marchando muito atrazado na lista dos que teem progredido depois da proclamação da Republica.

Vou citar alguns factos em apoio de minha affirmativa.

Houve uma occasião em que o Amazonas encontrou oportunidade para se transformar em um dos Estados mais ricos e progressistas da Federação Brasileira; foi quando os inglezes quizeram fazer plantações da hevea na bacia amazonica e mandaram até aqui uma commissão de technicos para fazer a aquisição das terras necessarias ao plantio.

A estadia em Manãos da commissão ingleza despertou a emotividade dos patrioteiros, que apedrejaram o Hotel Cassina onde ella estava hospedada, tendo seus membros de reembarcar para a Inglaterra sob a protecção da policia.

Chegando ao seu paiz, o chefe da commissão emittiu o conceito de que o Amazonas era uma terra de selvagens e que a Inglaterra não devia, de fórma alguma, plantar seringueiras no

Amazonas e sim voltar suas vistas para as Indias, onde os inglezes tinham possessões cujas terras se prestavam para a cultura da hevea brasiliensis.

O plantío na ilha do Ceylão deu um resultado animador e os holandezes imitaram os inglezes, plantando tambem seringueiras em suas possessões; de modo que, enquanto as Indias inglezas e holandezas, com uma progressão assombrosa desde o inicio das plantações para corresponder ao consumo mundial, chegaram a exportar, em 1932, cerca de setecentas mil toneladas de borracha, a producção amazonense, que não póde competir com a borracha do oriente por estar sujeita ás suas cotações, decresceu, pouco a pouco, de trinta mil toneladas para cinco mil, resultando disso a crise pavorosa por que tem passado o Estado nestes ultimos vinte e cinco annos e da qual inda se não poude libertar.

Se, naquella occasião, o Amazonas tivesse conseguido que os capitalistas inglezes fizessem plantações de seringueiras nas suas terras incultas, talvez fosse o Amazonas o Estado mais prospero do Brasil, pois teria progredido mais do que S. Paulo.

Foi o pernicioso cabotinismo que levou o Amazonas á situação de crise economica e á sua correlata decadencia.

De outra vez, Snr. Presidente, conhecedores dos resultados da expedição Hamilton Rice á bacia do Rio Branco, capitalistas americanos chegaram a organizar um syndicato para fazer a exploração das terras dessa bacia, propondo-se a construir uma estrada de ferro de Manãos até Boa-Vista, a promover a criação de cidades e nucleos agricolas ao longo da estrada e a explorar o sub-sólo. Este syndicato propunha-se a encampar as dividas interna e externa do Estado e a pagar os direitos de exportação dos productos que fossem explorados por elle.

Era uma phase de grande prosperidade que se antevia para o Amazonas, uma vez que elle se ia libertar de dividas e ter augmentada a sua exportação com os productos do syndicato.

Tambem dessa vez entraram em scena os patrioteiros cabotinos. Telegrapharam ao presidente Epitacio Pessoa e á imprensa do Rio, dizendo que queriam vender as terras do Amazonas aos americanos.

A campanha surtiu effeito, porque o Presidente Epitacio

telegraphou á embaixada brasileira em Washington, dizendo que o Brasil não se responsabilisava por compromissos que fossem contrahidos pelo Estado do Amazonas no estrangeiro.

Foi o acto mais injusto que o Dr. Epitacio Pessoa praticou em sua vida e que muito prejudicou o povo do Amazonas.

Perdeu nessa occasião o Estado uma nova oportunidade de florescimento e de vêr as suas finanças prosperarem, porque os capitalistas americanos vinham entrar no negocio com o capital inicial de trezentos mil contos de reis, devido ao vulto do negocio e aos compromissos que iam assumir.

Tempos depois, appareceu aqui em Manáos um representante da Empresa Ford querendo adquirir terras para fazer plantações de seringueiras. Tendo tido repulsa a sua pretensão, o representante foi bater a uma outra porta.

*O Snr. Antonio de Vasconcellos* — Por essa occasião o cabotimismo patriotico partiu do proprio Governador do Estado que queria saber qual a sua compensação.

*O Snr. Vivaldo Lima* — No entanto a empresa Ford encontrou por parte do Governo do Estado do Pará o melhor acolhimento e a maior bôa vontade, obtendo um milhão de hectares de terras para as suas plantações de seringueiras, e ninguem pôde negar que a Empresa Ford tem deixado milhares de contos de reis de lucros ao commercio do Pará, concorrendo assim para o progresso economico daquelle Estado.

*O Snr. Paula Gonçalves* — Devo declarar a V. Ex.<sup>a</sup> que a Fordlandia é uma verdadeira maravilha em materia de organização. É simplesmente deslumbrante o que lá se vê!

*O Snr. Antonio de Vasconcellos* — Veja V. Ex.<sup>a</sup>, quanto o cabotimismo de um Governador prejudicou o nosso Estado.

*O Snr. Vivaldo Lima* — E muitos outros negocios teem apparecido em condições de concorrer para a prosperidade do Estado, e todos teem sido prejudicados pelo excesso de patriotismo, nacionalismo doentio, cabotimismo, ou interesses contrariados daquelles que se oppõem a elles, pois muita gente se julga no direito de exercer tutela sobre o Amazonas, sem nunca lhe ter pisado o sólo e saber mesmo para que rumo fica.

Deste modo vae o Estado seguindo sua marcha lenta, neste ramerrão a passo de tartaruga (que infelizmente é o nosso em-

blema), enquanto não houver um paradeiro a estas intrigas e os amazonenses não conseguirem se libertar desse cabotinismo avassalador.

*O Snr. Feliz Valois* — Enquanto existirem os ajuricabas de fancaria!

*O Snr. Vivaldo Lima* — Snr. Presidente, o Estado do Amazonas vem solicitando a imigração japonesa desde 1926. Como havia duvida da vantagem da vinda da imigração japonesa para esta região, o embaixador Shitita Tatsuke veio a Manáos em 1926 verificar as condições climatericas e productivas do Estado, para poder advogar junto ao seu governo a imigração solicitada.

Houve portanto um entendimento de alguma fórmula internacional, posto que falte aos Estados soberania para esses entendimentos, o que foi abusivamente praticado por muitos Estados da Federação nos casos de empréstimos externos, imigração, etc., antes de 1930.

Entretanto o Governo Federal teve de assumir a responsabilidade dos empréstimos externos feitos pelos Estados, e está na mesma obrigação para com os contratos ou compromissos de imigração, colonização, etc., assumidos antes da revolução que provocou a reorganização do paiz.

Deante das negociações empreendidas pelo Estado, dois representantes de capitalistas nipponicos, requereram uma concessão de terras, para a exploração agricola e industrial, concessão esta similar á que obteve no Pará a empresa Ford.

Depois de decorridos os prazos de opção do contracto, e dos capatalistas japonezes terem gasto mais de mil e novecentos contos em construir uma escola agronomica, estações esperimentaes, campos de cultura, hospitaes, innumeraveis habitações em colonias agricolas que fundaram, alem de pequenas industrias, etc., veio a Manáos, em 1934, o embaixador Kyujiro Hayashi, verificar em que condições estava a colonização japoneza no Amazonas, para que os capitalistas do seu paiz podessem inverter aqui seus grandes capitaes em empresas de vulto.

Parece-me que o embaixador Hayashi levou a melhor impressão possivel deste Estado, como antes já havia levado o embaixador Tatsuke, porque os amazonenses recebem os japonezes de braços abertos, e os japonezes correspondem a essa

gentileza, casando-se com as amazonenses, em muitas das quaes, sendo descendentes de indios, elles encontram os seus proprios caracteristicos raciaes.

Ora, Snr. Presidente, esta concessão que vem sendo requerida e organizada desde 1926, tem passado por diversos turnos entre os quaes um acto da Interventoria Federal, no Governo Discrecionario, acto que foi approvedo pela Assembléa Constituinte Nacional; portanto, o pedido que foi feito ao Senado da Republica é méra formalidade, uma vez que os japonezes, no contracto de opção, cumpriram as clausulas que lhes cabiam e esperam tambem que nós, brasileiros amazonenses, cumpramos aquillo que lhes promettemos, honrando assim a fé dos contractos.

Para cumulo de irrisão, agora que o contracto chega a seu turno, esó depende do Senado Federal cumprir o que a Constituinte actual impõe, (e não devia vigorar para o caso), apparece na Capital Federal uma chusma de patrioteiros anonymos, desses typos que ninguem conhece e ninguem sabe quem são elles, a impugnar a concessão, sob allegações infundadas que só pódem partir da cabeça de cretinos ou de sandeus.

Os jornaes do Rio não revelam nem um nome desses taes gritadores, apenas dizem que pertencem á «Sociedade dos Amigos de Alberto Torres», e estes estão promovendo uma campanha anti-racial contra os japonezes.

Se assim é, estes individuos estão abusando do nome do grande publicista, cujas idéas não estão de fórmula alguma de accôrdo com a grita que esses cabotinos fazem no momento, porque Alberto Torres nunca pregou estas doutrinas de exclusivismo, quando tratou de nossos caracteristicos raciaes.

São palavras de Alberto Torres: «pretender formar raças nacionaes, em paizes novos, é verdadeira utopia».

«É uma falsa concepção, entretanto, do problema das novas nacionalidades, a que faz depender seu desenvolvimento da introdução de homens das raças brancas». «Ha muito quem cogite entre nós da idéa de substituir as nossas raças; e no espirito de mais de um brasileiro illustre o sonho de uma futura nacionalidade, formada de individuos de puro typo europeu, é alentado com carinho. Esta illusão deve desvanecer-se. Elementos componentes de nosso povo tornam impossivel, desde hoje, o pensa-

mento de realizar semelhante phantazia. Tentá-la, seria, quanto ao futuro, gravíssimo erro político. Indígenas, africanos e seus descendentes, formaram, em nosso território, typos definitivos, admiravelmente apropriados ás condições physicas, que só poderão, por isso, progredir e aperfeiçoar-se».

Por estas palavras, vê-se que Alberto Torres não podia condemnar o contingente ethnico dos amarellos, que entrou em nossa raça por muitas das nossas tribus indígenas.

Alem disso, Alberto Torres era de opinião que: «as raças são julgadas pela energia, pela actividade, pelo vigor, pela independencia, pelo brio e o valor, com que sustentam a autonomia, — pelo conjuncto das qualidades que formam o character ethnico»; e nenhum povo tem revelado mais estes caracteristicos do que o japonéz.

O patriotismo de Alberto Torres era um patriotismo sadio, contrariamente ao daquelles que estão deturpando a sua obra; assim é que elle queria que nós fôssemos um povo que nos dirigissemos sem o auxilio da tutela estrangeira: «Um povo que renuncia á gestão de seus bens, para confial-a a mãos estrangeiras, que desiste da capacidade economica e social, não pôde prezar sinceramente a capacidade politica».

No caso em questão, não solicitamos a tutela, mas accetamos a collaboração dos japonezes para o progresso do Estado.

Ora, Snr. Presidente, um Estado como o nosso, que, por mais que se alargue a estatistica, não chega a ter quinhentos mil habitantes, como pôde fechar a porta a qualquer immigração estrangeira de bôa procedencia, ou a qualquer homem de trabalho honesto que venha concorrer para o nosso desenvolvimento economico?

Devo repetir aqui as palavras de Bruno Lobo, com referencia ao nosso paiz:

«Necessitamos de gente, muita gente, para que o Brasil deixe de ser o paiz das minas sem minerios convenientemente extrahidos; essencialmente agricola, quasi tudo importando, e pobre ante a natureza exuberante e rica, que nos enthusiasma e domina».

Da mesma fórma, parodiando, eu devo dizer: — aqui no Amazonas precisamos de muitos braços que venham trabalhar,

porque um estado com mais de um milhão e oitocentos mil kilometros quadrados de terras incultas e uma população de quinhentos mil habitantes, vivendo permanentemente em crise, não pôde continuar eternamente sendo o *inferno verde* onde os *touristes* inglezes veem a passeio tirar photographias de barracas de palha construidas sobre estacada, ou de lagos atapetados de victorias régias.

Podemos contar com braços nacionaes para o desbravamento do nosso *hinterland* ?

É uma interrogação bem dolorosa, porque somente pôde ser respondida com a negativa — não !

A historia do desbravamento das nossas terras tem episodios bem tristes.

Até 1877, o interior do Estado era quasi despovoado.

Foi necessario que uma secca pavorosa assolasse o Ceará, para que uma avalanche de braços patricios corresse até aqui, na illusão do vellocinio de ouro, com o córte das seringueiras e a agricultura em terras onde não havia possibilidade de se morrer de sede: e os cearenses vieram em levas, como verdadeiros escravos, vendidos aos patrões por contas phantasticas, das quaes raramente podiam se desembaraçar um dia.

Outras e outras lévas vieram vindo em annos successivos sempre na mesma illusão, até que a crise da borracha pôz um paradeiro a essas entradas dos heroicos desbravadores; e delles o que resta ?

Apenas cruces de madeiras nos barrancos dos rios, em sua memoria, porque cerca de oitenta por cento delles foram dizimados pelo impaludismo !

Naquella época, como ainda hoje, não se fazia acompanhar o trabalhador do medico, do enfermeiro e da ambulancia, como praticam os japonezes no seu systema de colonização.

Mas os cearenses que trouxeram o maior contingente para o progresso do Amazonas nestes ultimos cincoenta e tantos annos, não estão mais sujeitos a esses cataclysmas; teem agora açudes, estradas de rodagem, estradas de ferro e largas verbas para protecção aos flagellados.

Para quem recorrer então, se recusarmos o trabalho dos immigrants estrangeiros ?



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**